

Discurso na cerimônia de entrega, pela frente parlamentar de turismo, da “Carta de Goiás” – Agenda Única de Turismo Nacional

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 15 DE MARÇO DE 2000

Excelentíssimo Senhor Ministro de Esporte e Turismo, Rafael Greca; Senhor Ministro-Chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, Aloísio Nunes Ferreira; Senhores Governadores Mário Covas e Espiridião Amin, que nos dão a honra da presença; Deputada Nair Lobo, tão eloqüente no seu discurso; Deputado João Pizzolatti, Senhoras e Senhores que aqui se encontram, nessa reunião; Senadores; Presidente da Embratur, Caio Luiz de Carvalho; Deputados; Senhoras e Senhores,

Tenho dito, algumas vezes, que uma das tarefas mais difíceis, do ponto de vista do cerimonial – ainda bem que nenhum de nós entende dele –, para o Presidente da República, é que ele é o último a falar. É como um comício – aqui há muitos deputados que sabem como é isto: o último leva uma tremenda desvantagem, porque tudo já foi dito. Então, tem que inventar.

Eu estava pensando o que inventaria. Primeiro, contrataria logo o Governador Espiridião Amin. Sabe por quê? A Inglaterra tem uma pessoa com uma função que se chama *clap*. Cada um que entra, ele “pá, palmas”. Esse é o melhor de todos que já vi até hoje. Agora, ele

só puxa palmas para Santa Catarina. Não dá. Vamos puxar palmas para o Brasil todo. Então, vou contratar o Governador para ser o nosso introdutor no turismo.

E não deixaria o Governador Mário Covas sem função, também. Não teria cabimento. Como ele está sempre de bom humor, não vejo a razão da reclamação, ele seria, precisamente, o homem a dar, depois das palmas, as boas-vindas. E eu seria só o apresentador da festa.

À parte esse estado de ânimo que me foi suscitado pela maneira tão simpática e informal com que os senhores trazem essa “Carta de Goiás”, essa carta do turismo, eu queria, também, lhes fazer algumas poucas considerações sobre o que foi dito e sobre, talvez, o que ainda não tenha sido dito.

Eu estava pensando aqui: turismo, basicamente, é cultura e civilização. Por quê? Como é que as pessoas começam a se descobrir, em primeiro lugar? É quando se descobre o outro. Não vou entrar em grandes filosofias, porque não é o caso. Mas, para a gente saber quem é, tem que comparar, tem que ver qual é o outro, a “alteridade”, quem é o outro.

Historicamente, no passado remoto, o outro só se achava na guerra, com grupos brigando entre si. Isso foi durante muito tempo. Depois, veio o comércio. O comércio, nos tempos clássicos, era chamado, em francês *le doux commerce*, o comércio doce, amável. Porque no comércio se fala. Na guerra se mata. Em geral, vinham juntos, guerra e comércio.

Mas foi assim que, de alguma maneira, as pessoas foram acumulando informação sobre si próprias, comparando-se aos outros, sobre os outros e constituindo um cabedal de cultura. Mais tarde, essa cultura foi sendo socializada e as formas de civilização foram adocicando as relações entre as pessoas.

Li, recentemente – como não tenho muita ocupação, porque o Aloysio faz quase tudo o que tenho que fazer aqui, na Presidência –, reli um famoso romance, *Memórias de Adriano*, que é uma maravilha. É uma maravilha, de uma senhora, aliás – vejo a Deputada Maria Elvira feliz com a referência, a Nair também –, extraordinária,

em que se vê um imperador romano, na época em que Roma se expandia, aliás, estava quase no fim da expansão de Roma, das conquistas. Ele, admiravelmente, no romance, vai descobrindo os outros e vai, ao mesmo tempo, guerreando, matando e, ao mesmo tempo, reconhecendo e, enfim, vendo o que era Roma e fazendo reflexões, podendo entender melhor Roma e a função do Império, os limites do Império Romano, aos descobrir os bárbaros, os outros.

Bem, isso se repetiu muitas vezes, na História. Quem conheceu e quem conhece, agora – já vamos fazer os nossos 500 anos –, quem andou lendo sobre o Brasil nestes 500 anos, nós podemos ver, os relatos sobre o Brasil são dos viajantes, Hans Staden, por exemplo. E há muitos. A historiografia do Brasil, para saber o que aconteceu no século XVI, é parte de anotações de viajantes que descobrem o outro.

E isso, mais tarde, no Século das Luzes – o século XVIII – se transforma na grande forma de conhecimento. Para o meu gosto, o melhor de todos é Montesquieu. Estou, de novo, apaixonado por Montesquieu, como já disse em alguma outra oportunidade, porque reli, recentemente, também – nos meus momentos de folga –, um livro de um ex-Primeiro-Ministro da França sobre Montesquieu. Fiquei com inveja. O autor chama-se Alain Juppé, que era Primeiro-Ministro da França, saiu do governo e escreveu um livro admirável sobre Montesquieu. Não é só sobre a biografia dele, mas sobre a história das idéias dele.

Os que leram *O espírito das leis* sabem que eu traduzi para o português esse livro, de modo que conheço Montesquieu. E *O espírito das leis*, que é um dos fundamentos da filosofia moderna, da compreensão das sociedades modernas, está ali. E está no quê? No reconhecimento da diferença. Cada povo tem sua cultura, tem seus costumes, as leis são relativas a esses costumes. Há uma natureza das leis, natureza entre aspas, que é afim com a cultura daqueles povos. E como é que ele chegou a isso? Viajando, comparando, lendo textos de viagem.

O turismo é, portanto, basicamente, a maneira de um conhecer o outro. É uma forma de agregar valor cultural a si mesmo e, pouco a

pouco, descobrir o que se é, comparando-se com os outros, e, na medida do possível, haver um aprimoramento nas relações humanas, através desses contatos múltiplos.

Então, a função turística é civilizatória. É fundamental para o mundo contemporâneo. Se nós quisermos menos guerra, como nós queremos, teremos que ter mais turismo, para conhecermos mais uns aos outros e nos reconhecemos.

Os que são de Santa Catarina – para, novamente, puxar aí a brasa para a sardinha do Governador – são invadidos, todos os anos, por legiões de argentinos. Mas que belas legiões, hein? E não me refiro só às argentinas, não, os argentinos também. Porque vêm com bons propósitos, com recursos, vêm para desfrutar as praias admiráveis.

Falei de Santa Catarina, mas isso se espraia pelo Brasil. Quer dizer, é uma forma de sermos conhecidos e de conhecermos os outros. E essa forma fica tanto mais agradável quanto ela rende. Ela rende. Portanto, não é só civilizatória a função do turismo. Ela é uma função econômica e cada vez mais importante.

Vê-se hoje, aqui, com orgulho, que chegamos aos 4 milhões e 800 mil turistas. Quantos foram na Espanha? Cinquenta milhões? Foram 47 milhões. Estamos longe. Mas quantos eram em 94? 1 milhão e 800 mil. Eu, mais ou menos, acompanho os números. Um milhão e oitocentos, quer dizer, houve um grande progresso. É o começo, mas é um começo importante, porque isso rendeu divisas. Atrás das divisas, rendeu cultura. Porque, para que a pessoa volte ao Brasil, precisa ser bem tratada, senão não volta. Precisa haver também, portanto, educação.

Mas não só isso. Se não tiver saneamento básico, fica difícil. E a ecologia se beneficia. A mim me horroriza ver, como vi, nesse carnaval, as praias do Rio invadidas sei-lá-pelo-quê; não se podia usar as praias. Não é de responsabilidade federal, não, é que não se chegou, ainda, a uma definição das formas básicas de saneamento nas cidades brasileiras. A Constituição não deixou muito claro, outra parte por falta de iniciativa, mas tem que resolver essa questão, porque não tem sentido convidar turistas para virem às melhores praias – que

não são só as do sul, as do Rio também, as do Nordeste também, e por aí vai – e, de repente, não termos saneamento básico, não termos os cuidados necessários com o meio ambiente.

Para dar um exemplo oposto: nada me emocionou mais, nos últimos tempos, do que uma viagem que fiz à Amazônia. Fui a um lugar chamado Mamirauá, que é uma região de floresta inundada. É uma coisa única no mundo. Durante seis meses, a floresta amazônica fica inundada. Ainda assim, as árvores que estão acima das águas são enormes.

Não há nada mais impressionante do que andar num pequeno bote, por essas águas. De repente, um macaco pula para um lado, outro para outro. É um peixe imenso que salta. Há uns macacos que são de penugem branca. É uma coisa admirável. Num silêncio cortado só pelo barulho da natureza. E absolutamente preservado.

Quer dizer, nem tudo, portanto, é só o de que eu me queixei aqui, de praias que estão estragadas pela falta de cuidado ambiental. Já temos uma consciência de meio ambiente, que é crescente. E vê-se, agora, esse imenso esforço que estamos fazendo para deslanchar o Programa Pantanal, com recursos do BID, mas pagos pelo Governo Federal, para fazer realmente o que é necessário fazer para preservar a outra maravilha que nós temos, que é o Pantanal.

Praias – aqui já foi dito –, praias, Amazonas, o Pantanal, o cerrado, enfim, essas coisas todas, no seu conjunto, dão uma diversidade que é rara de se obter hoje em dia. E mais: se pode até mesmo globalizar um pouco isso, porque você pode ir à Patagônia e tem gelo; pode ir para a Amazônia, que é o oposto disso. Os pacotes de turismo da Europa podem ser pacotes transnacionais aqui, no nosso território das Américas também, para ver essa variabilidade. Ou, se se quiser, se vai um pouquinho mais adiante, se atravessam os Andes – eu vim de lá, outro dia. É um outro espetáculo extraordinário, sobretudo no inverno – ver os picos andinos totalmente gelados. E, logo em seguida, se chega num calor de fornalha, quando é o verão, lá em Buenos Aires ou no Brasil. Essa diversidade é enriquecedora também.

Mais ainda: além de, realmente, o turismo permitir toda essa questão relativa ao meio ambiente, esse tipo de preocupação gera emprego, como aqui foi dito. Gera emprego e requer qualificação para esse emprego. Portanto, é uma atividade econômica civilizatória e fundamental do mundo moderno, porque é onde mais é possível gerar emprego, gerar conhecimento mútuo e melhorar a qualidade de vida.

Isso tudo é o turismo. Se é tudo isso, é natural que tanta gente se reúna, como vocês se reuniram, para ver quais são os gargalos do turismo. Há vários. Aqui, vou ler com atenção. E, suponho, o Governo dará uma resposta, naturalmente, às demandas. Algumas sei que existem. Essa Confederação Nacional de Turismo está embarcada por uma outra confederação e, enquanto a Justiça não decide, o Governo não tem voz ativa na matéria. Há outras que foram aqui mencionadas, de financiamento.

Quero lhes dizer que, se se quiser fazer pesca de turismo, o Pronaf financia. E se quiserem um financiamento para pequena empresa, também o Brasil Empreendedor financia. Está financiando em grande quantidade. Os recursos existem, estão sendo usados abundantemente e a taxa de juros é bastante razoável. Os economistas já diriam que é excessivamente baixa, mas não é o nosso pensamento porque, realmente, é uma taxa de juros apropriada, com prazo de carência. Há já os mecanismos. Então, a outra questão importante é que o setor saiba quais são os mecanismos que já existem para o pequeno turismo, para o médio turismo, para a pequena empresa que se organize. Já existem mecanismos e esses mecanismos estão funcionando.

A outra questão diz respeito a financiamentos maiores. Imagino que aqui haja uma demanda na questão do BNDES, que é uma instituição que tem uma outra vocação. Ela entra em questões de reestruturação, em questões de grande escala, mas, de qualquer maneira, vamos olhar essas demandas com todo o carinho. Certamente a verificação da possibilidade de recorrer ao Prodetur nº 2, no que diz respeito ao Nordeste, apesar das dificuldades, que não são próprias da admi-

nistração daqui, mas dizem respeito às complexidades internacionais. O financiamento do BID é sujeito a uma série de regras, que vão além das nossas e que, muitas vezes, embora haja dinheiro disponível, por complexidades que não quero entrar em detalhes aqui, não podemos usá-las, porque, ao usá-las, infringimos não-sei-o-quê. Enfim, há muitas regras. Mas, independentemente disso, tanto o BNDES quanto o BID, através do Prodetur, são mecanismos que vamos precisar atualizar para que eles possam servir melhor aos interesses dessa indústria de turismo.

Queria, finalmente, dizer-lhes o seguinte: embora se saiba o que acabei de dizer – e todos os senhores sabem melhor do que eu, de experiência e de vida próprias – do significado do turismo, embora haja medidas que possam ser tomadas do ponto de vista burocrático e governamental, embora haja medidas legislativas que devam ser tomadas, há uma coisa que é insubstituível, que é a ação do empresário, do empreendedor. Essa é insubstituível.

Há muitos anos, escrevi um livro sobre os empresários, no começo dos anos 60 – acho que foi publicado em 63, por aí –, uma pesquisa que tinha feito, entre 61 e 62, sobre os empresários nacionais e o desenvolvimento. Naquele momento, a pesquisa que fiz me surpreendeu muito, porque eu tinha uma outra idéia do que fossem as coisas e verifiquei que, efetivamente, havia uma espécie de déficit de iniciativas.

Fala-se muito de déficit do Governo. Fala-se muito da falta de governo: “O Governo não fez isso, não fez aquilo, não fez aquilo outro.” Pois bem, não podemos deixar que exista um déficit de iniciativa. E isso o Governo não pode fazer. Há algo que só os Senhores e as Senhoras são capazes de fazer, porque só os Senhores e as Senhoras se arriscam, têm ousadia, podem ganhar, mas também podem perder o recurso. Tomam, portanto, decisões que são importantes.

Isso é tão importante quanto o resto das ações. É tão importante existir legislação adequada, financiamento adequado como existir a capacidade empresarial e, realmente, a vontade empresarial, que, basicamente, significa, no mundo de hoje, conhecimento, sem o que não adianta ser empresário, assumir o risco, ter um certo gosto pela

aventura – não pode ser muito, porque a empresa quebra –, mas um certo gosto pela aventura, que nós, do Governo, não podemos ter porque estamos aventurando o dinheiro que não é nosso. Estaríamos aventurando o dinheiro que é do povo. Temos muito mais limites até mesmo na criatividade, na imaginação, do que os empresários, os Senhores que participam desse mecanismo.

Agora, se houver, como vejo que há, chama daqueles que acreditam no turismo, se houver, como vejo, pelo que ouvi de que há a decisão de avançarem mais, se houver, como há, apoio do Congresso e se houver, como há, disposição do Governo, aí, creio que esses 4 milhões e 800 mil turistas que recebemos do exterior, fora os vários milhões, talvez até mais importantes do que os que vêm de fora, que são os do turismo interno, que é o que conta para um país, havendo esse turismo interno, nós vamos para a frente.

E para que possamos garantir esse turismo interno, o fundamental que o Governo tem que fazer é garantir condições macroeconômicas saudáveis. Só foi possível aumentar o número de turistas, internos sobretudo, por causa da estabilidade. Quando houve abalo da estabilidade, se abalou o Brasil. Agora, estamos vendo os índices de inflação, outra vez, caindo, e caindo bastante, a moeda nacional se valorizando outra vez. Isso é importante. Havendo isso, havendo esse compromisso, como há, do Governo de manter condições macroeconômicas positivas, havendo taxas de juros mais condizentes com a possibilidade das pessoas, haverá mais gente viajando, haverá mais pacotes que possam ser facilitados, haverá mais tudo.

Portanto, novamente, como o turismo é uma função econômica, isso é tão importante quanto as outras medidas, que também são importantes e que são mais específicas, dessa forma de atividade que é, ao mesmo tempo, lazer, cultura e economia. Mas a economia não pode ser posta à margem, tanto no sentido do apoio que o Governo tem que dar quanto no sentido mais amplo da nossa capacidade, como Nação, de entendermos que não podemos dar passos que prejudiquem o equilíbrio macroeconômico, porque, se prejudicarmos o equilíbrio macroeconômico, tudo o mais vai por água abaixo.

Mas como não queremos ir por água abaixo, queremos ir por água acima, seja no rio, seja no mar, nadando bem para não nos afogarmos, tenho a absoluta convicção de que nós, com esse ânimo, com esse entusiasmo que vejo aqui presentes, vamos, sim, nadar rio acima e vamos saber surfar as ondas, se eventualmente aparecerem, e pegar um jacaré, como se dizia quando eu era menino, no Rio de Janeiro, vendo aquelas ondas imensas do Leblon, que sempre me assustavam um pouquinho, mas que nunca deixei de me arriscar em entrar nelas. E vamos entrar nelas e sair sem ser de cambulhada. Sair bem, felizes, com uma crença cada vez maior no Brasil e no turismo.

Muito obrigado por tudo que disseram.

